

# A Fala é do Marechal

Rubem Braga

Só agora pudemos ler da íntegra a entrevista que o chanceler português, sr. Franco Nogueira, deu em Lisboa no dia 5 deste mês. Vemos que os resumos telegráficos eram fiéis.

O sr. Franco Nogueira explica a idéia que tem da Comunidade luso-brasileira. O que ele quer é simplesmente isto: que o Brasil ajude de todos os modos, inclusive militarmente, Portugal a manter suas «posições», isto é, suas colônias. Avisa que está falando por conta de Portugal — «tudo quanto acabo de dizer em nada responsabiliza o Brasil, é óbvio» — mas, respondendo a uma pergunta, esclarece: «Nas conversações que tive oportunidade de travar no Rio de Janeiro não deixei de expor esse mesmo ponto de vista, e posso acrescentar que a alusão à defesa de um patrimônio comum... encontra acolhimento e eco por parte de entidades brasileiras em número crescente».

Aí está: «entidades» brasileiras entendem que o Exército, a Marinha e a Aeronáutica do Brasil devem ajudar o governo português a manter o domínio de Portugal nos territórios da África e do Oriente. Nossas tropas devem ir auxiliar as portuguesas a lutar contra os movimentos libertadores da Guiné, de Angola, de toda parte. Vamos matar negros — e em muitos casos também mestiços e brancos que lutam pela emancipação de suas terras — para que Portugal não perca suas colônias.

Seria o caso. Não é o caso. Devemos confessar que o sr. Franco Nogueira tem motivos para alimentar essas esperanças. Vemos pelo menos quatro bons motivos: a) mandamos uma expedição ajudar as tropas americanas em sua intervenção em São Domingos; b) angolanos que estavam no Brasil foram presos e torturados; c) «entidades brasileiras» deram «acolhimento e eco» à idéia do sr. Franco Nogueira; d) como o sr. Franco Nogueira diz contente nesta mesma entrevista, «em todas as reuniões internacionais de agências especializadas e outras que se têm verificado ultimamente e em que Portugal tem sido criticado, ou em que se tem proposto a expulsão de Portugal, ou em que se tem sugerido a condenação de Portugal, as delegações brasileiras têm sempre tomado uma posição ativa de completo apoio e compreensão da posição portuguesa».

Aí está. O sr. Franco Nogueira tem toda razão em ser otimista — para nossa vergonha. Apenas por escrúpulo esclarece o chanceler português: «destas considerações nem sequer foi dado conhecimento antecipado aos brasileiros para que estes de modo algum sentissem qualquer inibição ou embaraço nos comentários que queiram fazer ou no silêncio que queiram manter».

Eu, por minha parte, não sinto nenhuma inibição ou embaraço: acho que é uma audácia monstruosa pretender que mandemos nossos rapazes para a África e a Ásia com a mais vergonhosa e humilhante das missões: ajudar a manter aquela gente escravizada a Portugal.

Esse apelo será uma nota de desespero do governo salazarista ao sentir a reprobção de todos os povos do mundo ao seu colonialismo ultrapassado e ver aproximar-se a hora da libertação dos territórios de ultramar? Esse otimismo será apenas para fazer efeito interno em Portugal, dando a crer que seu Governo tem outro aliado no mundo além da África do Sul, pátria amada do racismo?

Não importa: a palavra está com nosso governo. O sr. Franco Nogueira, muito gentilmente, dá-nos permissão para falar. Fale, marechal Castelo Branco: tenha a coragem de tomar uma atitude nítida, franca, definitiva: nossos pracinhas vão ou não vão massacrar os negros que lutam pela liberdade?

DN - 20.8.65